

FEITOSA, Rianna de Carvalho. Às margens do consumo: catadores argentinos, trabalho e reconhecimento social – uma resenha. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 17, n. 50, p. 155-161, agosto de 2018 ISSN 1676 8965.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

## Às margens do consumo: catadores argentinos, trabalho e reconhecimento social – uma resenha

Rianna de Carvalho Feitosa

VERGARA, Gabriela (comp.). *Recuperadores, residuos y mediaciones: análisis desde los interiores de la cotidianidad, la gestión y la estructuración social*. Buenos Aires: ESEditora, 2015.

[O mundo] deve, em resumo, ser objetivado como coisa, não como agente; ele deve ser matéria para a auto-formação do único ser social nas produções de conhecimento, o conhecedor humano... A natureza é apenas a matéria-prima da cultura, apropriada, conservada, escravizada, exaltada ou de outras maneiras tornada flexível para ser utilizada pela cultura na lógica do colonialismo capitalista. *Donna Haraway* (1995, p. 35-36)

Qual é o preço de manutenção da sociedade do consumo? Qual é o preço de uma forma de organização social com características extrativistas, como a capitalista, que se baseia na exploração não só dos “recursos naturais”, mas também da força física de milhões de trabalhadores? A coletânea organizada por Gabriela Vergara, socióloga e pesquisadora adjunta do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas de la República Argentina (CONICET), traz diferentes abordagens sobre o universo complexo e heterogêneo que envolve a coleta e reciclagem de resíduos sólidos urbanos (RSU). Ao observarem variadas formas de coleta, seleção, venda e reciclagem de materiais usados na cadeia de produção e consumo, os capítulos desse livro preten-

dem responder a algo das perguntas que levantamos.

Os autores da coletânea apresentam trabalhos sensíveis, que proporcionam reflexão sobre a significação dos resíduos em uma sociedade como a nossa (urbana, capitalista, individualista, ocidental), onde se vive a realidade da produção em massa e do descarte e desperdício como partes integrantes da cultura, - como aponta Mauro Koury no prólogo. Os escritos evidenciam o papel de trabalhadores informais<sup>1</sup> que caminham por ruas, lixões e aterros sanitários coletando, classificando, armazenando, arrastando, empurrando, carregando e processando o que os demais consideram lixo, para tornar possível sua reciclagem. Eles trabalham de forma humana sobre esse problema estritamente humano, o da geração de lixo – um problema que afeta direta ou indiretamente todas as pessoas, de todas as raças, gêneros e classes sociais. São priorizadas visões que tomam esses trabalhadores como atores sociais e que se focam nas relações por eles construídas, levando em conta suas ações, sentimentos e ideias.

---

1 Ao logo da coletânea, os autores trabalham com diferentes termos para identificar os indivíduos que coletam e separam resíduos e detritos domiciliares por ruas, lixões, aterros sanitários e estações de tratamento para encaminhá-los à reciclagem: *recuperadores, cartoneros, quemeros, cirujas*, entre outros. Nesta resenha optei por empregar o termo “catadores”, como esse segmento profissional é designado no Brasil.

Dessa forma, são levantadas discussões como a luta por qualidade de vida; luta por reconhecimento, direitos, saúde e dignidade; proteção do meio ambiente; gestão municipal; política; imaginário; subjetividades; sentimentos; relação de gênero; consumo etc. Sempre considerando que esses são movimentos plurais, que transpassam fronteiras, pois dizem respeito a todas as pessoas, de todos os países, sendo lutas que transcendem em um mundo conectado, onde não é incomum que uma ação realizada em um extremo afete seu exato oposto.

Como em uma peça instrumental, a coletânea tem início com uma abertura, composta por prólogo e introdução, seguida por quatro atos (eixos) principais interligados pelo interlúdio e cadenciados pelo epílogo. O prólogo se intitula *Lixo, sujeira e sociabilidade* e é assinado por Mauro Koury, que nos faz pensar sobre como a realidade produz os indivíduos marginalizados. Ele percebe o lixo como uma fonte para refletir sobre a sociedade capitalista e as possibilidades de transformação e reorganização social. A introdução aos textos é feita por Gabriela Vergara que entende que “objetos-resíduos-dejetos”, inseridos numa lógica onde há o fetichismo da mercadoria, ganham o poder de governar a vida dos “sujeitos-catadores-descartáveis”. Ela aponta os paradoxos que envolvem a recuperação de resíduos sólidos urbanos: é um jogo contraditório, onde se oferece a chance de “recuperação” tanto aos objetos quanto às pessoas consideradas descartáveis, uma chance de ingressar na economia formal como mercadoria, chance de ter suas vidas devolvidas, “ressuscitadas” de sua condição anterior de “lixo”.

Ao longo da coletânea, somos lembrados diversas vezes sobre a crise econômica, social e política vivida pela Argentina em 2001, momento em que milhares de indivíduos e famílias marginalizados pela pobreza e pelo desemprego aparecem em massa nas ruas do

país. É nesse cenário que a coleta de materiais recicláveis se evidencia como fonte de trabalho para pessoas que não teriam alternativa para sobrevivência. No primeiro ato/eixo, que trata de gestão de resíduos e política, os textos tratam da gestão pública e da dimensão das articulações políticas que envolvem os RSU. Pensar as políticas do lixo é pensar as condições de existência daqueles que vivem do lixo, pensar na relação dos sujeitos com seu objeto de trabalho e compreender o papel da reciclagem na reparação dos efeitos nocivos do consumo e da disposição final dos resíduos gerados por ele.

*Políticas y prácticas em torno a la gestión de los RSU. Un estudio de cinco ciudades de Argentina*, de Victoria D’hers e Cinthia Shammah, mostram como o tema da gestão de resíduos aparece nas agendas públicas municipais, trazendo informações sobre como as leis referentes à gestão de RSU em cinco cidades argentinas evoluiu ao longo dos anos – considerando o período entre 1994 e 2013. As autoras explicam como se dá o processo de coleta de materiais para reciclagem, focando em como se organizam as iniciativas privadas e governamentais e deixando claro que entendem que o município possui um papel fundamental em relação às demandas ambientais da gestão de resíduos, por ser assunto que requer recursos tecnológicos, econômicos e técnicos. Elas evidenciam a obrigação dos governos de encontrar respostas para esse problema urbano que cresce constantemente e que faz urgir a aplicação de políticas públicas que diminuam o impacto ambiental, valorizem os resíduos e formalizem o circuito dos catadores. Apontam, ainda, a importância da inclusão social desses indivíduos, que se constroem como atores essenciais na valorização dos resíduos.

Dando continuidade ao movimento de reconhecimento do trabalho dos catadores como serviço público,

Santiago Sorroche em *Líderes, residuos y lugares: reflexiones sobre la gubernamentalidad global del reciclaje desde la experiencia de una cooperativa de cartoneros de La Matanza* pretende analisar a circulação e dinâmicas sociais que formam redes internacionais ligada à recuperação de resíduos. Sarroche foca nas pessoas e ideias em vez de materiais. Mostra como o presidente da cooperativa que acompanhou em sua pesquisa, ao participar de encontros internacionais em diferentes lugares da América e do mundo, adquiriu conhecimentos e experiências que influenciaram as abordagens e caminhos que passou a defender. O autor frisa a importância da circulação de ideias e projetos e da criação de fluxos globais capazes de reconfigurar e ressignificar práticas locais e estabelecer um espaço legítimo para o intercâmbio, discussão, formação e trabalho que envolva diferentes países.

É interessante notar como os textos mencionados acima trazem diferentes perspectivas da valorização do trabalho dos catadores: uma a partir de ações públicas, ligadas ao município, e outra a partir de ações privadas individuais, ligadas a interesses pessoais de aperfeiçoamento e de reconhecimento da importância do próprio trabalho. “Trabalho”, inclusive, é o tema do eixo que segue, onde nos é apresentada a experiência dos catadores de materiais recicláveis em diferentes contextos, mas sempre considerando o ciclo de produção e consumo que toma essas pessoas como “inempregáveis”, a parcela da população que não reúne condições para que o mercado, de forma autônoma, os insira em seu ciclo produtivo.

Na pesquisa de Santiago Bachiller, *Clasura de un basural a cielo abierto e imaginarios sobre el futuro por parte de los recolectores informales de residuos*, é analisado o imaginário sustentado por catadores acerca do futuro encerramento do lixão onde trabalham, que será substituído por uma estação de

tratamento e reciclagem. É dado lugar às subjetividades, sentimentos e desejos dessas pessoas, ao oferecer-lhes voz para contar o que pensam e ao considerar o lixão como um espaço que transcende a mera subsistência. Bachiller enxerga o lixão como um ambiente de sociabilidade, um cenário do cotidiano dos catadores que traz, de alguma forma, suporte para suas vidas. Daí a importância de falar sobre seus medos, incertezas, inseguranças, planos, vontades e sonhos, especialmente no momento em que seus futuros estão indefinidos, quando não se sabe que direitos possuem ou que tipo de assistência vão receber quando seu espaço de trabalho (e de tantas outras coisas) não mais existir.

Em seguida, Cecilia Cross, com *Trabajo, rebusque, changa: Experiencias de trabajo alrededor de la basura en el Área Reconquista*, levanta questionamentos sobre dignidade e inserção social de indivíduos que não são assalariados e que não participam do ciclo de produção e consumo. Expõe os problemas enfrentados diariamente por esses indivíduos desamparados e negados socialmente, impossibilitados de se sentirem integrados à comunidade e levados a cultivar imagens degradadas de si mesmos. Como uma possibilidade de mudança, nos faz saber de mobilizações para a legalização dos catadores, movimentos que enfatizam seu papel no ciclo de manejo de resíduos, mostrando a relevância social desses trabalhadores e reivindicando o direito de “ganhar a vida” com tal ocupação.

Esses textos reivindicam a identificação da coleta de resíduos urbanos como um ofício qualificado, uma prestação de serviço público que merece reconhecimento, em contraste à concepção desse trabalho como precário e indigno, ideia que apenas sustenta a reprodução dos processos de vulnerabilidade, pobreza e desigualdade vividos pelos catadores.

No interlúdio, *Consumo, Disfrute Inmediato y Desechos: hacia una caracterización metonímica de unas sociedades depredatorias*, Adrián Scribano reflete sobre a relação entre consumo, desejo de desfrutar (sempre de forma imediata e insaciável) e práticas de desperdício. O texto chama atenção para o fato de que o descarte é uma prática social em expansão, porque quando o consumo aumenta, o descarte também aumenta. E estamos inseridos numa sociedade que mescla, perigosamente, consumo com felicidade, que transforma consumo em experiências, apelando para o lado emocional das pessoas.

Além disso, segundo o autor, o consumo se torna um regulador social, passa a ser visto como uma experiência capaz de produzir emoção, desenvolver novas relações sociais, proporcionar sensação de excitação e aventura, apontar distinção social ou pertencimento a um grupo específico etc. A inserção do indivíduo nas cadeias de consumo implicam em sua aceitação ou negação social. Consumir e não consumir são duas formas distintas de estar-no-mundo e, no caso dos catadores de resíduos, essa distância é ainda maior, pois eles se encontram totalmente marginalizados, sendo considerados tão descartáveis quanto os objetos que recuperam do lixo. Scribano critica essa sociedade que aceita e se habitua ao descarte, critica a lógica depredatória capitalista que tenta justificar o descarte como uma relação social normal. Ele desenha em nossas mentes a imagem de uma sociedade que sacrifica o que está às margens, que entrega cotidianamente ao altar oferendas para que o mundo continue como está – como um ritual neocolonial, que sacrifica objetos, corpos e energias corporais.

Entramos, logo depois, no eixo sobre subjetividades, que nos guia por histórias que fazem entender melhor o saber-fazer dos catadores e a natureza de seu trabalho, evidenciando, além de

sua complexidade e importância, a sua face criativa e criadora. Sebastián Carenzo, com *Materialidades de la “basura” y praxis creativa: aportes para una etnografía de tecnologías cartoneras*, pensa nas construções recíprocas sujeito-objeto: se pergunta como a manipulação de determinados materiais é incorporada pelas pessoas e como seus gestos, movimentos, corpos e subjetividades se delineiam a partir dessas relações. O autor prepara um terreno ideal para refletir sobre como a materialidade do “lixo” resulta em algo maior do que a simples objetivação das coisas que circulam ou de seus itinerários. Ele questiona de que modos tais materialidades dão suporte para a construção de conhecimentos, poderes, legitimidades e identidades que organizam as relações em torno da gestão de resíduos.

Para Carenzo, o trabalho dos catadores vai além da coleta dos materiais recicláveis, sendo um trabalho que envolve a práxis criativa, desenvolvida a partir de saberes específicos que são construídos no dia-a-dia. Essa subjetividade criativa é capaz de transformar objetos abandonados e desordenados em máquinas e ferramentas úteis, em desenvolvimentos tecnológicos construídos a partir de conhecimentos sensoriais formados pela necessidade de saber cheirar, tocar, ouvir e olhar os materiais com que trabalham, para poder melhor diferenciá-los e classificá-los. A elaboração de taxonomias e o domínio das propriedades físico-químicas dos materiais são importantes para compreender e alcançar suas melhores condições de comercialização. Assim, evidencia-se o árduo trabalho humano requerido no tratamento e assimilação do enorme volume de materiais residuais que o sistema de produção e consumo produz diariamente.

Hernando Herrera, por sua vez, com *La cosmovisión natural relativa de los cirujas y su cotidianidad en Villa María*, apresenta como as condições

locais, o contexto social e o cotidiano propiciam experiências e fornecem elementos para compreender e agir sobre o mundo. Seu trabalho se baseia em entrevistas que focaram em cinco aspectos principais: vergonha; forma de vida; núcleo familiar; via pública e veículos; coleta e venda. Quando os catadores falam da vergonha, eles se referem ao estigma associado ao trabalho que realizam e não necessariamente a um sentimento que eles próprios cultivam. Na verdade, afirmam ser preciso ter honra e dar valor ao trabalho que fazem, e “perder a vergonha” quando se vai para a rua fazer a coleta. A ideia de “trabalhar com honra” aparece mais uma vez quando se fala da forma de vida autônoma proporcionada pelo trabalho nas ruas: os trabalhadores possuem liberdade para escolher seus trajetos, dias e horas de trabalho, sem se submeter a nenhum padrão ou autoridade, a sensação de subordinação é atenuada, não há sujeição nem formas convencionais de exploração. Isso dá espaço para a colaboração entre indivíduos, muitas vezes pertencentes ao mesmo núcleo familiar, que se organizam para trabalhar em conjunto, percorrendo maiores áreas da cidade em menos tempo. Sobre via pública e veículos, são tratadas as possibilidades e regulamentação do tipo de transporte que utilizam nas ruas: bicicletas, carroças, carretas, cavalos (pois há legislações específicas para o uso de veículos de tração animal). Por fim, sobre a coleta e a venda dos materiais que recuperam, falam da importância da definição de um circuito onde buscar os materiais recicláveis e de um contato ou lugar onde vendê-los.

Todos esses cinco aspectos apresentados pelo autor do texto correspondem à própria visão dos catadores que entrevistou, são formas específicas de compreender sua experiência de trabalho e de vida. Essas formas de viver são marcadas pela socialização desses indivíduos e por suas experiências biográficas

particulares, cosmovisões construídas pela cotidianidade e pela observação das dimensões temporais e espaciais onde se desenvolvem suas interações sociais concretas.

No último eixo temático, que trata de gênero e resíduos, temos o artigo intitulado *Supervivencia, relaciones intergenericas y trabajo informal en la vida cotidiana de las cartoneras bahienses frente a la crisis socio-económica de 2001*, de Claudia Marinsalta, que pretende compreender aspectos da realidade de catadores da cidade de Bahía Blanca, na província de Buenos Aires. A pesquisa é direcionada a partir da perspectiva de gênero, tomando o feminino e o masculino como construções sócio-culturais dinâmicas e observando as relações intergeracionais de poder. A autora analisa como o ingresso de mulheres no mercado de trabalho informal afeta a vida familiar e o poder hierárquico do homem, surgindo como elemento desagregador e perturbador capaz de atrapalhar e subverter a ordem vigente e dando espaço para o questionamento da masculinidade hegemônica.

Marinsalta realiza diversas denúncias acerca das condições do trabalho informal argentino e da deterioração da qualidade de vida, apontando suas condições desfavoráveis, desqualificadas e degradantes, situações que se intensificam quando se trata do trabalho feminino, pois, ela aponta, homens e mulheres trabalhadores têm trajetórias heterogêneas – enfrentando diferentes níveis de sujeição, submissão e falta de reconhecimento. Para ela, as consequências da crise e das políticas de ajustes se manifestam de forma diferente para homens e para mulheres. Tais consequências tendem a afetar as mulheres de forma mais acentuada, fazendo com que a força de trabalho feminina seja incorporada às atividades informais ou oculta. Em decorrência disso, elas continuam sendo ignoradas ou discriminadas, o que ocasiona uma divisão de tra-

balho por gênero na qual as mulheres são as mais prejudicadas. Sendo assim, Marinsalta decide privilegiar as vozes das catadoras e, através de entrevistas, essas mulheres expõem seu sofrimento, solidão e desamparo. Não obstante, nesse contexto de angústia, renovam sua confiança no futuro e nas soluções passíveis de serem criadas para que saiam das condições de vulnerabilidade e marginalidade que enfrentam.

Já Gabriela Vergara, em capítulo intitulado *Mujeres recuperadoras de residuos entre familias y trabajo: la percepción de proveer como amas de casa*, apresenta uma visão macroestrutural, refletindo sobre as atividades dos catadores e sua ligação com as transformações e metamorfoses do mercado de trabalho. A autora pensa nessa maneira de ganhar a vida tendo como foco o papel das mulheres e a feminização do mercado de trabalho, onde as mulheres reescrevem as diretrizes de classe e gênero. Nesse contexto, as mulheres passam a ser vistas como provedoras além de donas de casa.

Vergara faz indagações sobre subjetividade, autocuidado, saúde e enfermidade na vida dessas mulheres, que estão inseridas em cenários onde ficam claras dicotomias como inclusão/exclusão, saúde/doença, orgulho/humilhação. Aponta que quando as condições de vida são precárias, trabalhar não é uma conquista de gênero, mas uma inevitabilidade de classe. São mulheres que “sobrevivem”, que vivem das sobras e que se tornam responsáveis tanto pelo ambiente de trabalho quanto pelo ambiente doméstico. O que se traduz para as mulheres como a dupla jornada de trabalho ou a dupla presença, entre as exigências do mercado e as demandas da vida doméstica. Nesses casos, o trabalho feminino não pode ser tido como indicador de realização de projetos pessoais ou de uma maior equidade de gênero frente a novas oportunidades, mas como práticas elementa-

res de subsistência para famílias cada vez mais marginalizadas.

Ao se verem vivendo precariamente, condição em que a coleta de materiais recicláveis surge como alternativa, as mulheres percebem como sua a responsabilidade a respeito do ambiente doméstico, percorrendo as ruas em busca de objetos que resolvam demandas do lar. “Prover por ser dona de casa” se constitui, portanto, como uma maneira de (sobre)viver, uma maneira de estar no mundo, seja fora ou dentro de seus lares. Essas mulheres provêm para os lares porque conhecem as suas demandas. Dessa forma, suas obrigações no trabalho e em casa se multiplicam, pois nem sempre são compartilhadas com o cônjuge (pois ele não está presente ou porque não se envolve). A autora evidencia como isso ocasiona uma feminização das responsabilidades (próprias da ocupação e do cuidado) e uma dualidade de sentimentos: orgulho por conseguir bens e recursos pra satisfazer as necessidades do lar e melancolia pelo que não se pode fazer.

Por fim, o epílogo de Koury trata dos medos e aversões das pessoas, em um texto que trabalha a noção de sujo e de sujeira. O autor mostra a aversão à pobreza urbana, e o estranhamento ao que as pessoas percebem como desordem social. Chama a atenção para percebermos que aquele que gera o lixo e que produz a sujeira é que é sujo, causador de sujeira e poluidor do ambiente. Porém, a sujeira produzida emporcalha não só quem a produziu ou consentiu, mas a todos. Aponta resultados de pesquisa que tomam a sujeira como algo pertencente ao reino da feiúra, do abominável, daquilo que deve ser impedido e excluído; a ideia de contaminação, de que quem lida com a sujeira torna-se, também, sujo.

Tais reflexões nos fazem pensar sobre qual tipo de relação construímos com aquilo que chamamos de “lixo”, e como isso afeta diretamente a forma

com que nos relacionamos com os sujeitos que trabalham com os dejetos que geramos. Prestar atenção no que jogamos no lixo não é só dar conta das dezenas de classes e tipos de materiais que os catadores recuperam, classificam e processam diariamente, mas é prestar atenção também nos processos vividos por esses agentes como parte de seu trabalho cotidiano. Entendê-los como trabalhadores, como pessoas que possuem necessidades, sentimentos, vontades e planos. Como pessoas que possuem um papel social importantíssimo para a manutenção das cidades – e do planeta – como locais habitáveis. Os catadores não se limitam a coletar lixos nas ruas e aterros, seu trabalho se estende ao aprendizado sobre os tipos de materiais recicláveis, sobre a gestão de resíduos

imperante na região e no momento da classificação e separação dos materiais para venda posterior. Além disso, a presença dos catadores nas ruas suscita contradições urbanas, evidenciando demandas sociais que desafiam a ordem das cidades e exigem, com sua presença, novas relações socioculturais. A atividade dos catadores busca interpelar o Estado a modificar regras e modelos impostos e denunciar uma ordem social opressiva, excludente e injusta.

### **Referências**

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.

